

**BIBLIOTECA DE MACHADO DE ASSIS COMO FONTE DE ESTUDO:
ORGANIZAÇÃO, PARTICULARIDADES E AS INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS NA PRODUÇÃO
MACHADIANA**

Celso Lima Latini

**Graduado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense
Bibliotecário do Setor de Documentação Técnica da PETROBRAS
celsoli2000@yahoo.com.br**

RESUMO: No Brasil, a história da biblioteconomia no século XX foi marcada pela ruptura com o viés humanista e pela sua paulatina substituição pelo viés tecnicista. Em razão disso, existem estudos pouco comuns, como é o caso do estudo de coleções, não no que se refere ao tratamento técnico, mas nos aspectos referentes às informações que se pode obter com a análise de uma coleção, à lógica que atribui unidade a um conjunto de livros. O estudo da Biblioteca de Machado de Assis compreende a análise de uma coleção. Para isto, buscou-se analisar a atual organização da biblioteca e do seu catálogo. Os resultados obtidos forneceram importantes informações sobre o papel da Biblioteca de Machado de Assis em sua produção literária e sobre os critérios utilizados para elaborar um catálogo de sua Biblioteca.

Palavras-chave: Biblioteca de Machado de Assis. Estudo de Coleções. Coleções Particulares.

ABSTRACT: In Brazil, The librarianship history in XX century was marked by the break of the humanist approach and his slow change for technical approach. On account of this, it has studies few commons, for the example the collections study, not relation to the technical treatment, but in referent aspects in some informations that could be get with collection analysis, in the logic that assign oneness for the books conjunct. The study of Machado de Assis Library comprises the analysis of one collection. So, searched to analyze the library arrangement actual and your catalog . Results produced important informations about the Machado de Assis Library paper in his literary production and about how it was elaborated your library catalog.

Keywords: Machado de Assis Library. Collections Study. Private Collections.

Introdução

No Brasil, a história da biblioteconomia no século XX é marcada pela ruptura com o viés humanista – de tradição européia, ou seja, “com ênfase para a ratificação de seu corpo teórico, centrada na organização e na administração da biblioteca, tendo como variável a cultura” – e por sua paulatina substituição pelo viés tecnicista – produto de uma abordagem tipicamente norte-americana, “com ênfase para a normalização e a padronização da organização, tendo como variável a técnica”^[1]. Uma das conseqüências dessa ruptura é que alguns tipos de estudos se tornaram pouco comuns, como é o caso do estudo de coleções, de como se formaram catálogos cujo objetivo seria o de inventariar uma coleção particular. De certo modo, o estudo de coleções particulares busca descobrir informações com a análise de uma coleção e assim desvendar a lógica que atribui unidade a um conjunto de livros. Em razão disso, desenvolveu-se um estudo que atribua uma unidade as obras que compõem o acervo da biblioteca de um grande escritor – no caso, Joaquim Maria Machado de Assis – e que explique como a construção de um catálogo serviu não somente para inventariar a sua coleção

particular, mas também para delimitar fronteiras bem significativas em sua coleção – e por que não dizer – no seu pensamento. O presente artigo nada mais é do que um dos resultados obtidos com o desenvolvimento dessa pesquisa.

A metodologia adotada se baseou na análise do catálogo da coleção. Neste sentido, convém ressaltar que o Professor Massa^{lii}, que pesquisou a Biblioteca de Machado de Assis em 1960, elaborou um catálogo de sua biblioteca, onde constam informações sobre as obras que compõem a coleção, e chegou a uma certeza sobre a aquisição dos volumes, quando separou “os livros comprados pessoalmente por Machado de Assis dos que lhe foram dados por amigos, com dedicatórias, e por conhecidos”. Deste modo, decidiu-se ter como referência a pesquisa feita pelo Professor Massa por que ele, além de ser o pioneiro nesse estudo, elaborou um catálogo minucioso da coleção e encontrou a Biblioteca em condições que possibilitaram fazer afirmações decisivas acerca da aquisição dos volumes.

Em seguida, foi realizada uma descrição das particularidades da biblioteca, onde se colocou em destaque os autores presentes na biblioteca que tiveram um papel relevante no discurso científico do século XIX, e realizou-se uma analogia entre as particularidades da Biblioteca de Machado de Assis e o catálogo que o professor Massa produziu. Com base nessa analogia, obtiveram-se resultados significativos sobre como professor Massa atribuiu uma ordem dos livros – ou seja, uma taxonomia elaborada por um profissional da área de letras – que deu uma unidade lógica a Biblioteca de Machado de Assis.

Crítérios adotados para organização da biblioteca de machado de assis

A Biblioteca Acadêmica Petit Trianon localizada no prédio da Academia Brasileira de Letras abriga em seu acervo, uma outra biblioteca, talvez mais famosa e lendária do que a própria Petit Trianon, a de Machado de Assis, que se encontra organizada tanto no arranjo do catálogo quanto na ordenação dos volumes na estanteria, segundo os critérios estabelecidos pelo professor Massa em 1960. Convém ressaltar que Massa, ao fazer o levantamento bibliográfico da Biblioteca de Machado de Assis, optou por organizá-la de acordo com a língua de origem de cada obra, criando “Domínios” específicos e os dividindo em diferentes grupos, para melhor reunir os livros. Neste sentido, Massa retoma a expressão do escritor francês Valéry Larbaud que utilizava a expressão “Domínios” para destacar melhor a grandeza das diferentes civilizações. De todo modo, é importante ressaltar que Massa para elaborar a classificação da Biblioteca de Machado de Assis, não foi buscar sua base conceitual na teoria da classificação, mas nas idéias e escritos de um literato. Deve-se também admitir a hipótese de que Massa utiliza a expressão “Domínios” com dupla conotação, num jogo de palavras, onde os “Domínios” tanto podem significar o conhecimento que Machado dominava quanto podem se referir aos “Domínios” da Biblioteca de Machado de Assis, estabelecidos por Massa e classificados segundo a língua de origem de cada obra. Trata-se de um contraponto entre o que restou da Biblioteca de Machado de Assis e a sua Biblioteca ideal, que abrange os volumes que ainda existem, os que desapareceram e as leituras que Machado fez nas bibliotecas do Rio de Janeiro do século XIX.

Assim, têm-se os seguintes “Domínios”: o grego, o latino, o oriental, o italiano, o espanhol, o luso, que se divide em Domínio português e Domínio brasileiro, o inglês, o germânico, o francês e dois outros “Domínios” que, a despeito de desrespeitarem o critério inicial, Massa julgou necessário sua criação; são eles o Domínio bíblico e religioso que reúnem obras que tratam de “problemas espirituais e suas eternas incidências políticas”^{liii} e o Domínio de obras gerais que reúne obras de autores de segunda zona^{liii}, de nacionalidade indefinida, ou ainda “obras de lingüística, de antropologia, de direito, de sociologia pouco marcadas por sua língua de origem”^{liii}.

Quando indagado sobre os motivos que levaram à manutenção dos critérios de organização adotados por Massa, o bibliotecário chefe da Biblioteca Acadêmica Petit Trianon – Luiz Antônio de Souza – apresentou razões diversas, sempre destacando, no entanto, que não participou do processo de aquisição da coleção particular de Machado de Assis. Dentre as razões mencionadas para manutenção dos critérios de organização adotados por Massa pode-se destacar o caráter de patrimônio cultural do qual a Biblioteca de Machado de Assis se reveste e o fato de Massa ter publicado um catálogo da biblioteca.

No que se refere ao caráter de patrimônio cultural do qual a Biblioteca de Machado de Assis se reveste, pode-se pressupor que, embora a coleção dos acadêmicos, em geral, seja tratada como fundo arquivístico, sem alteração da ordenação que o colecionador – isto é, o dono da coleção – estabeleceu para sua biblioteca, não houve a possibilidade de tratar a Biblioteca de Machado de Assis como fundo arquivístico, visto que o contexto gerador^[vii] da coleção se perdeu.

Já com relação ao fato de Massa ter publicado o catálogo da Biblioteca de Machado de Assis, em 1961, na 'Revista do Livro', fica evidente que a Biblioteca Acadêmica Petit Trianon manteve, ao adquirir essa coleção, a ordenação pretendida por Massa e se utilizou desse catálogo, amplamente difundido e publicado numa revista do Instituto Nacional do Livro (INL), para obter um êxito mais significativo nos processos de recuperação da informação. Somado a isso, havia também a comodidade de adotar um catálogo que já estava pronto.

Convém ressaltar que, como Massa^[viii] desenvolveu suas pesquisas “no campo da literatura comparada”, a adoção de um critério de ordenação dos livros e de elaboração do catálogo baseado nas línguas e nas nações era mais vantajosa, visto que esse procedimento permitiria de um modo bastante claro um maior número de divisões. Além do mais, deve-se levar em conta que Massa foi o pioneiro na pesquisa e organização do acervo machadiano e, justamente por isso, estabeleceu critérios segundo suas próprias necessidades e peculiaridades.

Mas, quando se trata do critério que determina quais as obras que Machado de Assis comprou e quais lhe foram presenteadas, Massa estabeleceu que os volumes com a presença de dedicatória ou com o nome de quem o deu ao escritor são doações; os volumes sem esses elementos foram supostamente comprados por Machado de Assis. É importante notar que há na adoção desse critério uma implicação, a de que o livro, no quarto final do século XIX, era um produto caro. No caso específico da Biblioteca de Machado de Assis, pode-se afirmar que, como grande parte dos volumes são importados, tratam-se de livros com um preço mais caro do que a média do mercado na época. Talvez por isso, Massa tenha adotado um critério que separasse os livros que Machado comprou dos que lhe foram presenteados, pensando estar assim formulando uma lista com alto índice de confiabilidade.

De dentro dos domínios: particularidades e os livros de machado de assis

A Biblioteca de Machado de Assis se divide nos “Domínios” de Obras Gerais, Grego, Latino, Bíblico e Religioso, Oriental, Italiano, Espanhol, Português, Brasileiro, Inglês, Germânico e Francês – o que indica primeiramente que não houve um critério uniforme na criação das diversas categorias que correspondem aos “Domínios”. Somado a isso, cada Domínio subdivide-se de uma forma específica, de acordo com as peculiaridades das obras que os compõem. Neste sentido, pode-se levantar a hipótese de que a forma como o Professor Massa desenvolveu a sua pesquisa acabou por determinar as várias subdivisões do catálogo.

Deste modo, Massa parece ter reunido num primeiro Domínio – o de Obras Gerais – autores que não teriam um papel muito representativo em “sua tese de doutoramento em literatura brasileira pela Universidade da Alta – Bretanha”, que tinha “como proposta a composição de uma biografia intelectual” de Machado de Assis^[viii]. Reforça essa impressão a constatação de

que o Domínio de Obras Gerais não apresenta subdivisões, como ocorre também com o Domínio Bíblico e Religioso. É necessário registrar que se encontram nesse Domínio as obras de Erasmo e Spinoza, filósofos de capital importância, que talvez tenham sido incluídos no Domínio de Obras Gerais, por Massa, para evitar a criação de mais um Domínio, uma vez que esses autores são holandeses.

O caso do Domínio Bíblico e Religioso não apresentar subdivisões se justifica principalmente por ele ser composto pela Bíblia, por obras teóricas que analisam a religião católica e por referenciar autores que também fazem parte de outros domínios. Deste modo, Santo Agostinho e Renan, autores que na organização física da Biblioteca de Machado de Assis pertencem respectivamente aos Domínios Latino e Francês, no catálogo em papel formulado por Massa, além de figurarem nos “Domínios” de sua língua de origem, figuram também no Domínio Bíblico e Religioso. Mas esse detalhe só é verificável no catálogo em papel e fica imperceptível quando se observa a disposição dos livros na estanteria.

Já os Domínios Grego, Latino, Italiano e Espanhol apresentam uma subdivisão padrão que enumera basicamente as categorias que inclui os textos no idioma de origem ou edições bilíngües entre o idioma de origem e o Francês, uma segunda categoria que relaciona Traduções Francesas das obras desses Domínios e uma terceira categoria denominada de “Em torno do Domínio”, que abrange “obras de crítica ou de pequena história”^[ix]. O que não se pode precisar, no entanto, é a conceituação que Massa atribui às obras de “pequena história”. De certo modo, esses Domínios apresentam uma Subdivisão padrão em razão de concentrarem especificamente obras de literatura ou de não constituírem o foco da pesquisa do Professor Massa.

Convém ressaltar que dos autores pertencentes ao Domínio Italiano, é notável a influência de Dante Alighieri e Giacomo Leopardi na obra de Machado. Massa, inclusive, menciona que pretende realizar um estudo sobre “a presença de Dante na obra de Machado”^[x]. E com relação a Leopardi, convém ressaltar que Machado afirma em carta a Magalhães de Azeredo que Leopardi era “um dos santos de sua igreja”, que o amava “pelos versos, pela filosofia, pode ser que por alguma afinção moral”^[xi].

A subdivisão do Domínio Oriental é muito semelhante – em termos de critério – a dos Domínios Grego, Latino, Italiano e Espanhol. Para ser mais específico, ele se subdivide em “Obras Gerais”, que abrange história do budismo e do maometismo – pode-se questionar nesse ponto por que essas obras não foram incluídas no Domínio Bíblico e Religioso – e história antiga dos povos do oriente, “Traduções Francesas”, e “Em Torno do Domínio Oriental”. Mas sabe-se tão pouco acerca dos autores orientais e do que eles representaram no contexto da leitura oitocentista que a influência dos autores pertencentes a esse domínio “na obra de Machado de Assis é um problema ainda virgem na crítica deste autor”^[xii].

Já os Domínios Português, Brasileiro, Germânico, Inglês e Francês são os que mais apresentam subdivisões por concentrarem obras dos mais variados assuntos – o que constitui uma importante fonte para revelar o tipo de leitor que foi Machado de Assis – e por concentrarem um maior número de autores que influenciaram Machado de Assis.

Sobre o Domínio Português, pode-se dizer que ele se divide em “Obras de Linguagem”, “Obras Gerais de Crítica e História”, “Literatura Clássica” e “Literatura Moderna”. O fato de Massa ter criado um grupo destinado às obras de linguagem indica que Machado estudou os problemas da língua portuguesa. Também é digno mencionar que as obras da classe “Literatura Moderna” ocupam pouco espaço na Biblioteca de Machado de Assis, se comparadas com o espaço ocupado pela classe “Obras Gerais de Crítica e História” ou ainda com o espaço ocupado pela “Literatura Clássica”. Neste sentido, pode-se afirmar que Machado era preferencialmente um leitor dos textos canônicos, independente do assunto que eles tratassem, e que adquiria obras de literatura moderna utilizando-se de um critério muito rigoroso ou quando não conseguia encontrá-las no “Real Gabinete Português de Leitura” e na “Biblioteca Nacional”. Pode-se ainda

pressupor a influência de Almeida Garrett e Alexandre Herculano na obra de Machado. Veríssimo^[xiii], inclusive, reconhece nas “Americanas”, livro escrito por Machado de Assis em 1875, como “uma volta à poesia americana”^[xiv], preconizada por Garrett no seu “Boquejo da História da Poesia e da Língua Portuguesa” (1826) e por Herculano no ensaio “O futuro literário do Brasil” (1846), publicado na “Revista Universal Lisbonense”.

Um ponto que deve ser comentado diz respeito à influência de Eça de Queirós na obra de Machado de Assis, que é maior do que a princípio se supõe, embora não fique comprovada uma conexão evidente entre as obras de Eça de Queirós e a Biblioteca de Machado de Assis. Veríssimo, por exemplo, afirma que em “Quincas Borba” o autor do livro poderia “pôr-lhe a epígrafe que Eça de Queirós escreveu em frente da “Relíquia”^[xv] e Romero faz a acusação incisiva de que Machado de Assis, nas “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, teria “imitado sem necessidade” o “Primo Basílio” de Eça de Queirós, sem conseguir, no entanto, “aquela frágua do realismo” presente nas páginas do romance português^[xvi].

Já o Domínio Brasileiro se subdivide nas “Obras de História”, “Literatura Brasileira” e a “Machadiana”, que reúne edições de obras em que há de alguma forma, seja como autor, prefaciador ou ainda como coordenador, a participação de Machado de Assis. Ainda faz parte desse Domínio “As Revistas” e as obras referentes “As questões das fronteiras”.

No que se refere ao Domínio Inglês, pode-se dizer que ele se subdivide em “Obras de Linguagem”, “História e Ensaios Históricos”, “Literatura Clássica Inglesa – Textos e Traduções”, “Literatura Moderna Inglesa – Textos e Traduções”, “Os filósofos e os sociólogos” e “Os Estados Unidos da América”.

Com relação à influência dos humoristas ingleses na obra de Machado, Romero afirma que os textos literários de Machado de Assis são “uma imitação, aliás pouco hábil, de vários autores ingleses”^[xvii]. Sobre os humoristas ingleses, a que Romero se refere, constatou-se que somente estão ausentes na Biblioteca de Machado as obras de Carlyle e Thomas Hood. Sabe-se também que as obras de Dickens foram presenteadas por Salvador de Mendonça e que Machado comprou, ao que tudo indica, obras de Sterne e Heine.

Já o Domínio Germânico se subdivide em “Obras Gerais”, “Literatura Alemã em Alemão”, “Literatura Alemã em Traduções”, “Schopenhauer e os filósofos alemães”, “Obras Jurídicas, Históricas e Críticas” e “Outros”. Entre os filósofos, cujas obras estão presentes no Domínio Germânico, destacam-se principalmente Schopenhauer e Hegel, representantes de duas linhas de pensamento antagônicas^[xviii] no século XIX. Esse fato indica que Machado de Assis não se orientava por uma única linha de pensamento para adquirir os livros de sua biblioteca. Deve-se ressaltar que a análise desse Domínio abre margem para especular o que Machado tirou da leitura de Schopenhauer, de Hegel e de Hartmann, e para indagar se “o caráter olímpico que alguns gostam de querer encontrar na obra de Machado de Assis, seria influência da leitura de Goethe”^[xix].

Sobre o Domínio Francês, pode-se afirmar que ele se subdivide em “Obras Gerais”, “XVIº Século”, “XVIIº Século”, “XVIIIº Século”, “XIXº Século”, “Traduções Portuguesas de Obras Francesas”, “Em Torno do Domínio Francês”, “Anuários, Congressos e Revistas” e “Outros”. O Domínio Francês contém cerca de 220 obras, ocupando uma boa parte da Biblioteca de Machado de Assis. Com o conhecimento desse fato, é fácil entender como os estudos da influência dos autores franceses na obra de Machado de Assis se aprofundaram após a publicação do catálogo de sua biblioteca, na década de 60, na “Revista do Livro”. Neste sentido, pode-se afirmar que Machado de Assis é, a exemplo dos grandes intelectuais do século XIX, um produto bem acabado do século das luzes. Além disso, o Domínio Francês, mais especificamente o grupo do XIXº Século, concentra um vasto e variado número de autores de literatura, e os grupos dos séculos anteriores reúnem um número significativo de filósofos que deram uma importante contribuição para o movimento iluminista. Neste sentido, a correspondência pessoal de Machado de Assis também aponta para um filósofo importante do

século XVII, pois em carta a Joaquim Nabuco, Machado afirma que desde cedo leu muito Pascal e “que não foi por distração” a sua leitura^[xxi]. Deve-se ressaltar que duas obras de Pascal estão presentes no grupo referente ao “XVIIº Século” do Domínio Francês da Biblioteca de Machado de Assis. E é bem possível que o racionalismo do escritor encontre sua origem, não na leitura de autores do século XIX, mas na de autores que antecederam a esse período, como os filósofos iluministas e os autores da Antigüidade Clássica.

Resta mencionar que Coutinho^[xxii] mencionou que os livros prediletos de Machado de Assis são “A Bíblia”, o “Prometeu” de Ésquilo, o “Hamlet” de William Shakespeare e o “Dom Quixote” de Cervantes. Deve-se a isso acrescentar que Machado adquiriu as obras de Ésquilo, Shakespeare e Cervantes. Deste modo, pode-se considerar a hipótese da influência na obra de Machado de Assis de Cervantes, Dante Alighieri, Giacomo Leopardi, Eça de Queirós, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Shakespeare, Thomas Hood, Heine, Charles Dickens, Henry Fielding, Laurence Sterne, Carlyle, Ritcher, Goethe, Pascal, do “Eclesiastes” e de Ésquilo.

Considerações finais

A realização desse estudo – que compreendeu não somente uma descrição das particularidades dessa biblioteca, mas também esclarecer algumas razões que levaram o Professor Massa a adotar determinados critérios na elaboração do Catálogo da Biblioteca de Machado de Assis quando inventariou sua coleção particular – implicou a formulação e a elucidação de uma questão, vital para a compreensão do que se propõe – Que tipo de leitor foi Machado de Assis? Neste sentido, é possível afirmar que Machado foi o que Chartier^[xxiii] costuma chamar de leitor “extensivo”, possuidor de uma fúria de ler, “capaz de consumir impressos numerosos e diversos”, não se prendendo aos textos religiosos, característicos da Idade Média, e livre do vício da leitura de romances, que tão bem caracterizou o século XIX. Conforme foi demonstrado, constam na Biblioteca de Machado, além de obras de literatura os assuntos mais diversos, como por exemplo, filosofia, teologia, história, psicologia, crítica, sociologia, ciências naturais, memórias e até temas pouco comuns como relações internacionais. Quanto ao número de volumes que foram lidos, Vianna^[xxiiii] atesta em levantamento que poucos volumes não foram lidos. Confirma-se então que Machado era de fato um leitor “extensivo”, ávido por impressos numerosos e diversos. O que se coloca diante dessa constatação é a dúvida sobre até que ponto esse tipo de leitor é produto do século das luzes? É inegável que o século das luzes provocou uma “revolução da leitura”, de leitores intensivos, dedicados a somente um assunto, a leitores extensivos. Mas também deve-se considerar que dois acontecimentos ocorridos no ocidente medieval contribuíram significativamente para essa revolução: a conquista da “competência da leitura em silêncio”^[xxv] e uma alteração nas funções da escrita, onde a sua composição e a sua cópia passam a ser entendidas “como trabalho intelectual”^[xxvi].

Com relação à elaboração do catálogo da Biblioteca, descobriu-se a existência de um provável jogo de palavras na pesquisa do professor Massa, onde a palavra “Domínios” assume dupla conotação. Neste sentido, os “Domínios” tanto podem significar o conhecimento que Machado dominava quanto podem se referir aos “Domínios” da Biblioteca de Machado de Assis, estabelecidos por Massa e classificados segundo a língua de origem de cada obra. Trata-se, pois, de um contraponto entre o que restou da Biblioteca de Machado de Assis e a sua biblioteca ideal, que abrange os volumes que ainda existem, os que desapareceram e as leituras que Machado fez nas bibliotecas do Rio de Janeiro do século XIX. É oportuno sinalizar que Massa, ao tentar desvendar o conhecimento que Machado dominava, retoma a idéia de “Biblioteca Ideal”, anteriormente desenvolvida por Borges^[xxvii] que descreve a idéia de uma biblioteca imensa, capaz de abranger um número infinito de volumes e de conter também, em seu interior, um único livro onde está escrito o significado de todos os livros possíveis. É

evidente que, para alcançar seus objetivos, Massa se apropriou do conceito de “Domínios” de Valery Larbaud e atribuiu um novo significado para esse conceito.

Referências

ABREU, Modesto de. **Biógrafos e críticos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: [Academia Carioca de Letras], 1939.

ALENCAR, Mário. **Alguns escritos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de A. Quincas Borba. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 161 – 165.

_____. Quincas Borba: idéias e sandices do ignaro Rubião. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 176 – 179.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

BORGES, Jorge Luís. A biblioteca de Babel. In: _____. **Obra completa (1923 – 1949)**. São Paulo: Globo, 2001, v. 1, p. 516 – 523.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. Post scriptum. In: _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 95 – 111.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis na literatura brasileira. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. **Obra completa: romances**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1963, v. 1, p. 23 – 64.

CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. **Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: estrutura e apresentação (NBR 14724 / 2002)**. – 2. ed. – Niterói: Intertexto, 2004.

HAUSER, Arnold. O romance social na Inglaterra e na Rússia. In: _____. **História social da literatura e da arte**. – 3. ed. – São Paulo: Mestre Jou, 1980, v. 2, p. 987 – 1046.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. Arquivos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (orgs.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. p. 369 – 389.

JOBIM, José Luís. Introdução. In: JOBIM, José Luís (org.) et al. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks; Rio de Janeiro: ABL, 2001. p. 9 – 20.

LEMONS, Antônio Agenor Briquet de. Saudação de paraninfo dos concluintes do curso de biblioteconomia da Universidade de Brasília, em dezembro de 1983. **Boletim ABDF**, Brasília, DF, Nova Série, p. 42 – 47.

MACHADO DE ASSIS, J. M. A nova geração. In: _____. **Obra completa: poesia, crítica e crônica**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1963, v. 3, p. 809 – 835.

_____. Castro Alves: carta a José de Alencar. In: _____. **Obra completa: poesia, crítica e crônica**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1963, v. 3, p. 894 – 900.

_____. Iracema. In: _____. **Obra completa: poesia, crítica e crônica**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1963, v. 3, p. 848 – 852.

_____. Literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: _____. **Obra completa: poesia, crítica e crônica**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1963, v. 3, p. 801 – 809.

_____. O guarani. In: _____. **Obra completa: poesia, crítica e crônica**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1963, v. 3, p. 922 – 926.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (org.) et al. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks; Rio de Janeiro: ABL, 2001. p. 21 – 90.

_____. **A juventude de Machado de Assis (1839 – 1870): ensaio de biografia intelectual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Machado de Assis, traducteur.** Coimbra, 1966. Separata do v. IV das Atas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros.

_____. Quarenta anos depois. In: JOBIM, José Luís (org.) et al. **A biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks; Rio de Janeiro: ABL, 2001. p. 91 – 98.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. Machado de Assis, leitor de Laurence Sterne. In: JOBIM, José Luís (org.) et al. **A biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks; Rio de Janeiro: ABL, 2001. p. 303 – 313.

MONTELLO, Josué. **Os inimigos de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 11 – 270.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PINHEIRO, Ana V. **O pensar e o fazer em Biblioteconomia: uma questão de memória e identidade.** Rio de Janeiro, 1997. Trabalho apresentado no Encontro das Escolas de Biblioteconomia da Região Leste, 1., 1997, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, João; ROMERO, Sílvio. Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908). In: MONTELLO, Josué. **Os inimigos de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 374 – 395.

ROMERO, Sílvio. Entre o louvor e a censura. In: MONTELLO, Josué. **Os inimigos de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 297 – 307.

_____. O humorista. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 199 – 205.

_____. O naturalismo em literatura. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 145 – 147.

_____. Poesias completas. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 254 – 257.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: MEC; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

TREVISANO, Roselene Lacerda. **Catálogo das personagens femininas mais representativas de Machado de Assis.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Niterói, RJ: s. n., 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal Fluminense, 2004.

VERÍSSIMO, José. Bibliografia. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 210 – 214.

_____. O Sr. Machado de Assis. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 153 – 161.

_____. Páginas recolhidas. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 217 – 219.

_____. Poesias completas: o Sr. Machado de Assis, poeta. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 242 – 252.

_____. Um irmão de Brás Cubas. In: MACHADO, Ubiratan (org.) et al. **Machado de Assis: roteiro da consagração.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 223 – 229.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arq. & Adm.**, Rio de Janeiro, v. 10 – 14, n. 2, p. 62 – 76, jul./ dez. 1986.

VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (org.) et al. **A biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks; Rio de Janeiro: ABL, 2001. p. 99 – 274.

VIEIRA, Ana da S. Repensando a Biblioteconomia. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81 – 85, jul. /

dez., 1983

Notas

^[1] PINHEIRO, 1997, p. 5 – 6.

- [iii] 2001, p. 25.
- [iiii] MASSA, 2001, p. 30.
- [iv] Massa utiliza a expressão “autores de segunda zona” sem apresentar uma definição precisa para o termo “segunda zona”.
- [v] MASSA, 2001, p. 27.
- [vi] O contexto gerador é um fator determinante na autenticidade, na naturalidade, na organicidade e na unicidade de uma coleção e diz respeito principalmente a como o colecionador formou sua coleção, como a desenvolveu e como estabeleceu uma ordem para cada documento da coleção. No caso da Biblioteca de Machado de Assis, pode-se afirmar que parte dela, cerca de 200 volumes, foi transferida para Academia Brasileira de Letras alguns meses após a morte de Machado de Assis e que a outra parte, que foi objeto do estudo feito pelo professor Massa em 1960, ficou armazenada numa garagem durante a Segunda Guerra, o que acarretou a deterioração e conseqüente destruição de inúmeras brochuras. Devido a essa sucessão de acontecimentos infaustos, não se pode mais determinar a ordem que Machado de Assis atribuiu a sua coleção.
- [vii] 2001, p. 28.
- [viii] VIANNA, 2001, p. 102.
- [ix] MASSA, 2001, p. 29.
- [x] 2001, p. 30.
- [xi] MACHADO DE ASSIS apud PEREIRA, 1988, p. 154.
- [xii] MASSA, 2001, p. 30.
- [xiii] Importante crítico literário brasileiro no final do século XIX. Segundo Montello (1997, p. 240), “a crítica brasileira, no âmbito restrito das obras literárias, foi exercida por três mestres: Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior”.
- [xiv] 2003, p. 247.
- [xv] 2003, p. 157.
- [xvi] ROMERO, 2003, p. 205.
- [xvii] 2003, p. 199.
- [xviii] Schopenhauer era um crítico do idealismo, que considera uma doutrina voltada para os interesses da Igreja e do Estado e sem compromisso com a verdade. Hegel é o filósofo idealista por excelência, que compreende a razão como a realidade profunda das coisas, mas freqüentemente é acusado de deformar os fatos para enquadrá-los no esquema lógico de seu sistema racionalista – dialético.
- [xix] MASSA, 2001, p. 32.
- [xx] MACHADO DE ASSIS apud PEREIRA, 1988, p. 172, nota 132.
- [xxi] 1963.
- [xxii] 1994, p. 99.
- [xxiii] 2001.
- [xxiv] CHARTIER, 1994, p. 98.
- [xxv] CHARTIER, 1994, p. 99.
- [xxvi] 2001.